

Portadores da síndrome de Down conquistam espaços na sociedade

Marília Coelho

Nos últimos meses, portadores de síndrome de Down têm aparecido com frequência na mídia, ocupando espaços até então reservados às pessoas ditas normais. Tudo começou no Festival de Cannes, quando o francês Pascal Duquenne surpreendeu o mundo do cinema ao dividir o prêmio de melhor ator com Daniel Auteuil, seu parceiro no filme *O oitavo dia*. Logo em seguida, o brasileiro Luiz Felipe Badin emocionou o público interpretando Villa-Lobos, ao piano, numa campanha publicitária e fez sucesso como ator, ao atuar na novela *Mapa da Mina*, da TV Globo. E Ana Cristina Souto de Oliveira Lima assumiu uma vaga no Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência (CMD-DPPD), no Rio de Janeiro. Embora tenham tido experiências e educações distintas, os dois brasileiros concordam que o respeito da sociedade e o apoio da família são fundamentais para o bom desenvolvimento das pessoas Down.

Ana Cristina, 37 anos, não sabia que era portadora da síndrome de Down até janeiro deste ano e ficou chocada ao descobrir a omissão da família e dos amigos. "Eu frequentei a escola primária junto com as outras crianças da minha idade, terminei o ginásio com alguma dificuldade e minha família achou que já estava bom, que eu não precisava estudar mais. Fiquei dez anos parada. Acabei retornando, incentivada por amigos que me consideravam inteligente", conta. Agora, Ana Cristina está terminando o Segundo Grau e trabalha como revendedora do Círculo do Livro. Em breve, a convite da diretora da Escola Colibrí, vai começar a dar aulas para crianças Down.

Sempre muito presa à família, Ana está querendo ocupar seu próprio espaço na sociedade, trabalhando e morando sozinha. Ela acredita que os pais não deveriam esconder a verdade dos filhos, pois isto atrapalha suas vidas. "Se eu convivesse com a idéia de ser Down desde criança, talvez aceitasse com mais facilidade", supõe. "Gostaria que as pessoas, de uma forma geral, esquecessem o pre-



Ricardo Antonio, Badin, Maria Fernanda, Elisa Escorel e Elisa Medeiros: funcionários do CDD

conceito. Isso não faz bem a ninguém".

A vaga no Conselho - composto por representantes de oito áreas - aconteceu quase por acaso. Uma das coordenadoras do Centro de Vida Independente (CVI/RJ) e consultora de Educação Especial do DESAFIO DE HOJE, Ritamaria Aguiar, mencionou a eleição e Ana Cristina mostrou-se interessada em concorrer como representante dos deficientes mentais, vaga até agora ocupada apenas por mães de excepcionais. "Embora não esperasse que me aceitassem, fui eleita por unanimidade", orgulha-se a mais nova membro do Conselho, ainda impactada por tantas mudanças inesperadas em sua vida. As metas para o cargo, que ocupará por dois anos, serão traçadas junto com a presidente do Conselho, Cláudia Araújo. "Tenho que fazer um bom planejamento para poder começar a desenvolver meu trabalho. Estou estudando contabilidade e técnica de secretariado e quero



Ana Cristina: escolhida por unanimidade em eleição pioneira



Para Maria Helena, o pior sentimento é a pena

utilizar meus conhecimentos nestas áreas. Além disso, pretendo esquematizar um plano de atividades, inclusive culturais, para as pessoas Down", planeja.

Ator, pianista e boy

A história de Luiz Felipe Badin, 27 anos, é bem diferente. Sua mãe sempre teve uma postura muito franca em relação à sua deficiência, tratando-o da forma mais natural possível. Quando Luiz Felipe completou dois anos, ela o colocou numa creche, proporcionando-lhe a oportunidade de aprender na prática a lidar com os mais diferentes problemas do dia-a-dia, aprendendo inclusive a se defender. Aos 12 anos, quando o então adolescente manifestou o desejo de aprender a tocar um instrumento, ela providenciou um piano, que chegou no Dia das Crianças.

Muito tempo depois - mais precisamente, em 1993 - Luiz Felipe chamou a

atenção com seu talento como ator, ao interpretar um office-boy (papel que também desempenha na vida real) na novela *Mapa da Mina*, da TV Globo. Posteriormente, Badin também participou de um episódio do programa *Você Decide*, da mesma emissora.

Hoje, Luiz Felipe acredita ser fundamental para as pessoas portadoras de síndrome de Down acompanhar os pais, participar de sua vida e de suas relações sociais. "Sempre viajamos muito, saímos para almoçar na casa de parentes e fazemos vários programas juntos. Somos grandes amigos e sempre me emociono ao falar de minha mãe", diz o rapaz. Atualmente, D. Odete está com 61 anos e sofre de diabetes e labirintite. "Agora sou eu quem cuida dela", orgulha-se Luiz Felipe.

No momento, ele dá aulas de piano para crianças no CDD - Centro de Desenvolvimento do Down, onde também trabalha como office-boy. Além

disso, percorre escolas e clínicas especializadas em síndrome de Down fazendo as entrevistas que pretende, algum dia, transformar em livro. Para ele - que conseguiu tirar seu título de eleitor e vota pela primeira vez este ano - a palavra-chave é participação. Em relação ao preconceito da sociedade, Luiz Felipe é taxativo: "Não adianta combater o preconceito, porque ele sempre vai existir. O fundamental é respeitar qualquer pessoa, independente dela ser idosa ou deficiente".

Sem levantar bandeiras

Diretora do CDD há seis anos, Maria Helena Libório é mãe de Artur, que, aos sete anos, já tem plena consciência de que é portador da síndrome de Down. "Eu não entendo essa preocupação com a diferença. Se a criança for diabética, os pais também vão ter cuidados especiais com ela", diz Maria Helena. "Penso que as mães têm que ser mais práticas e que este assunto deveria ser tratado mais naturalmente. As pessoas pensam que essas crianças vão fazer tudo errado, mas cabe a nós mostrar que elas são perfeitamente capazes de fazer certo", afirma, com base em sua experiência à frente do CDD. Ela faz questão de frisar que ninguém da família - incluindo o marido e os três filhos mais velhos - sente vergonha ou constrangimento na convivência com o caçula Artur.

Maria Helena defende, também, uma opinião polêmica. Para ela, a escola tradicional nunca vai poder dar a atenção necessária às crianças portadoras da síndrome. "É o mesmo critério que você usa com seus outros filhos. Se um deles é muito estudioso, a tendência é colocá-lo num colégio que cobre bastante; se é menos dedicado aos estudos, provavelmente a escolha vai recair numa

escola que tenha um nível de exigência menor e estimule mais a criatividade, por exemplo", explica ela, defendendo sua posição.

A diretora do Centro de Desenvolvimento do Down não levanta bandeiras nem luta contra a discriminação. "Às vezes, os pais que mais se empenham em lutar contra o preconceito são os que têm maiores dificuldades em se conformar com a deficiência do filho e em lidar bem com essa situação. Eu aceito meu filho do jeito que ele é, sem problemas", garante Maria Helena. Ela costuma passear com as crianças pelos arredores da escola e nota que as pessoas olham e brincam com elas normalmente. "O pior sentimento é a pena", observa.

No momento, a maior preocupação da diretora do CDD é preparar seus alunos para o mercado de trabalho. "Emprego ainda é o mais difícil, mas já encontrei várias pessoas que contrataram meus alunos. Aqui mesmo, inclusive, tenho seis funcionários portadores da síndrome e, no futuro, a meta é que o CDD só tenha funcionários Down. Meu marido esteve na Europa recentemente e viu portadores da síndrome trabalhando nas mais diferentes funções, principalmente no ramo de hotelaria. Espero que, em breve, isto se transforme em realidade aqui no Brasil", conclui. **DH**

SERVIÇO: CMDPPD (Av. Afonso Cavalcanti, 455/Sala 703 - Cidade Nova - Tel: 503-2064)

CDD (Rua Deodato de Moraes, 38 Jardim Oceânico - Barra da Tijuca Tel: 493-3561)

SIM Down - Associação de Pais e Amigos dos Portadores da Síndrome de Down (Rua Santa Luzia, 776/sala 1301 Centro - Tel: 262-7852)